

FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

— SUBSCREVE-SE A 2\$500 RS. POR ANNUO MESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABADO 21 DE AGOSTO.

MARANHÃO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANCA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RANOS, NA RUA FORMOSA CIZA, N.º 2.

EXTERIOR.

FRANÇA.

Paris, 18 de maio.

Petição do príncipe Jeronymo Bonaparte, apresentada na camara dos pares pelo príncipe de Moskwa.

Senhores:—A morte arrebatou todos os irmãos do imperador, á excepção de um que hoje vem dirigir-se á França pelos seus representantes.

No fim da minha carreira, já próximo á sepultura, venho cumprir um dever sagrado, um dever de cidadão e de pae, fazendo todo o que de mim depende para tornar a achar uma patria que preso sobre tudo, affrontando todos os obstáculos para a ella trazer meus filhos, e proporcionar-lhes occasião de servirem o seu paiz. E' esta a primeira vez depois que dei o campo de Waterloo que me dirijo á França; se o não tenho feito ha mais tempo, foi porque tendo irmãos não era eu o unico arbitro do meu proceder; foi porque me persuadi de que o tempo traria esta reparação. Desgrazadamente não aconteceu assim. O governo ainda ultimamente julgou dever usar das armas com que o munificou para os momentos de crise.

Em 1814 com os estrangeiros vierão as leis de exilio, de proscripção e espoliação; os parentes do imperador participaram das desgraças que affligião a França; não fomos julgados, fomos perseguidos, e muito além dos limites das leis de todos os paizes civilizados.

Em 1830 levantou-se a França, e a sua revolução prometteu reparar todas as injustiças. Todavia continuou em vigor o ostracismo da familia de Napoleão; era, segundo se dizia, uma providencia temporaria necessitada pelo estado de agitação em que se achava o paiz: o governo queria servir-se com toda a moderação d'esta arma; e com effeito muitos membros da familia do imperador vierão a França, e não foram incommodados; via-vam então o rei de Roma, filho do imperador; a razão de estado podia ser invocada com apparencia de boa fé. Hoje depois de 17 annos de reinado, no meio da mais perfeita tranquillidade, não são mais mantidas as leis de rigor, como também são aggravadas; o governo acaba de recusar a meu filho mais moço a licença de passar alguns dias em Paris para tratar de certos negócios particulares.

Esta negativa não pôde ter fundamento nenhum porque declaro aqui expressamente, debaixo de palavra de honra, que nem eu nem meus filhos nos temos envolvido, em tempo nenhum, nem directa-

ment indirectamente nas discussões politicas da França; meu filho mais moço nasceu dez annos depois da promulgação da lei que o condemna.

Não peço senão entrar na lei common, e gozar de todos os direitos de cidadão francez, promptificando-me desde já a preencher todos os respectivos deveres. Reconhecendo eu como reconheço a lei geral, e submettendo-me a ella, peço-me que razoavelmente não se poderão invocar posições excepcionaes e perigos politicos.

Os antecedentes da camara n'esta questão são-me favoraveis; por muitas vezes se tem mostrado disposta a levantar o desterro dos parentes do imperador. Em 1815 as petições que pedião a nossa entrada em França foram por voto unanime reanettidas ao governo, e acompanhadas de um relatório favorável; e os membros do actual gabinete, que estavam presentes a essa sessão, não fizeram opposição. O que vos peço é de justiça; dirijo-me a todas as opiniões indistinctamente, e no terreno inviolavel do direito common e da equidade a este respeito não podem haver partidos nas camaras francezas.

A derogação da lei que me desterra exige sem duvida nenhuma o concurso dos tres poderes; mas não posso duvidar de que uma manifestação favoravel das camaras, não traga consigo a adhesão do poder executivo.

Cidadão, soldado ou rei, proscripto e exilado tenho me promptificado a todos os sacrificios, menos ao de renunciar o culto da patria.

Acaso me prohibireis morrer em França, no meio dos meus concidadãos, no meio dos meus irmãos de armas? Acaso me recusareis a consolação de guiar meus filhos nos serviços que podem prestar ao seu paiz? Ficará por ventura comprovado que nunca poderei obter justiça, só porque sou irmão do imperador?

Tambem me dirijo á camara dos deputados pedindo a derogação da lei que nos desterra.—*Jeronymo*.—Florença, em 18 de Agosto de abril de 1847.

(Diário do Rio de Janeiro.)

A SITUAÇÃO DA HESPAÑIA.

Paris, 31 de maio.

—A Hespanha, pacificada momentaneamente pela feliz conclusão dos casamentos, acha-se entregue, depois que a diplomacia franceza fugio, no accesso da victoria, ás lutas dos partidos e a todas as discussões de que era theatro o paiz antes da celebração desses casamentos. A diplomacia britannica tudo domina, e manifesta a sua acção por meio de diffamações taes que excitam a reprobção unanime da Europa. Hespanha por muito tempo em le-

vantar a ponta do véo que encobre as acções incoerentes de que tem sido theatro a corte e o gabinete de Madrid desde que a nossa diplomacia os abandonou á preeminencia da Inglaterra; mas já é tempo de assignallal-as á França e á Europa, e á o que vamos fazer.

Recapitulemos primeiro as occorrencias destes seis mezes. A conclusão dos casamentos hespanhóes, não gráo á opposição da Inglaterra, deixou os dois governos em hostilidade aberta quanto ás consequencias futuras, pelo menos do successo que tão violentamente cortara as suas relações de amizade. Estabeleceu-se entre elles um conflicto quanto á successão hespanhola; decidio o governo inglez a adotar todas as medidas que podiam reparar o reves que soffrera, e deixou sobretudo em Madrid um embaixador inglez, ferido em sua vaidade pessoal ainda mais do que nos interesses politicos do seu paiz, o qual não podia deixar de procurar por todos os meios ao seu alcance uma vingança assignallada da affronta que recebera. Por outro lado, nada parecia comprometter os resultados obtidos. A rainha de Hespanha estava satisfeita, e entre ella e seu marido reinava o mais perfeito accordo. O paiz não estava menos satisfeito. Umás cortes novas tinham confirmado e approvação dada por um congresso anterior aos casamentos que acabavão de celebrar-se. O duque e duquesa de Montpensier tinham sahido de Hespanha. A rainha mãe, que tinha completado a sua missão politica, partio de Madrid para Paris, com pezar dos partidos a quem maior opposição tinha feito, e banhada nas lagrimas de sua filha. Na Hespanha reinava perfeita tranquillidade. Um ministerio honrado e sinceramente constitucional reformava a administração do paiz e procurava conciliar os partidos. A Inglaterra, compellido a confessar que não podia excitar os partidos constitucionaes contra um acto que a opinião publica aceitara, limitou-se a receber o pretemente legitimado, e a preparar uma nova guerra civil em Hespanha em proveito seu.

Tal era o estado do paiz quando o Sr. Bresson sahio de Madrid com licença do seu governo, como declarou o Sr. Guizot em sessão de 5 de maio, para deixar á legação britannica todos os embarcos e peso da preeminencia. Era por isso sem duvida que esperava a legação britannica, e immediatamente poz mãos á obra. Descrever todos os meios que empregou fora impositivo. O agente que representa S. M. a rainha da Grã-Bretanha em Madrid achou actores para todos os papeis, e empentou-se logo uma luta entre a joven rainha de Hespanha e o seu ministerio acerca de um general, antigo do Sr. Bulwer, que abraçara a malevolencia daquelle di-

plomata e promettera coadjuv-lo em seus planos. Nessa luta cabio o ministério, não obstante o apoio que lhe davão as caméras, e formou-se um gabinete sob a influencia directa e publicamente reconhecida da embaixada britannica. Devemos dizer que foi singular e espectacular que os puritanos, que estavam em maioria no congresso, de-rao á Hespanha; esse partido, que sempre fizera praça da sua grande pureza moral, do seu odio invencível a toda a influencia estrangeira, e do seu profundo respeito aos principios constitucionaes, subiu ao poder por meio de uma intriga escandalosa dirigida por um embaixador estrangeiro, e succedeu a um ministério cujo ultimo acto recebera das cortés a approvação mais solenne de que ha exemplo nos annos parlamentares de todos os paizes. Era mais; sob a inspiração do embaixador estrangeiro, a cuja influencia devia as pastas, ajudou a remover o ultimo obstáculo que se oppunha á entrada no palacio dos reis de Castella dessa desafiada corrupção organizada pela diplomacia britannica.

A rainha Isabel, de quem o Sr. Bulwer é hoje conselheiro assíduo, e perante quem cumpre as ordens do seu governo, como refere o *Times* de 6 e 10 de abril; a rainha Isabel, dizemos, estava rodeada de criados antigos e fieis que guiara a sua infancia e podião ter preservado a sua inocencia das seducções d'uma politica infame. Esses criados foram expellidos do palacio, e o agente britannico, que não sahio mais do lado da rainha, conseguiu por si e por seus adherentes excitar em seu coração um sentimento profundo contra aquelles que tinham contribuido para um casamento que lhe era apresentado como um acto de tyrannia cruel. As relações entre os esposos mudaram de natureza. O Sr. Bulwer conseguiu induzir a rainha a aceitar como real o caracter de victima que lhe attribuiao os jornaes inglezes, persuadindo a de que era sacrificada á ambição de um rei estrangeiro que cubicava a sua corôa, e de que a França não aspirava senão a des-thronisa-la para dar a corôa a sua irmã. Deste modo cessárao todas as relações entre ella e sua familia, e as cartas que lhe dirigia sua mãe e sua irmã ficárao sem resposta. Compre acrescentar que esta acção da preeminencia britannica na corte de Madrid tem sido exercida com tanto escandaloso, que todos em Hespanha principiào a pronunciar-se contra ella; em primeiro lugar, el-rei, que se sente ferido na sua honra pessoal pelos sentimentos que á rainha inspirarão contra elle; depois os partidos politicos, que vêm com certo grão de horror a influencia estrangeira, e que estão animados do desejo invencível de manter intacta a honra da corôa hespanhola e finalmente o proprio ministério, que já reconhece que fora escolhido somente como instrumento ephemero da politica britannica, e como precursor do partido progressista, sobre o qual funda a Inglaterra as suas mais caras esperanças. A reacção é hoje universal; mas não devemos considerar isso como justificação do erro cometido pelo nosso governo, de deixar o campo livre por espaço de tres mezes á influencia exclusiva da Inglaterra na Hespanha.

Comquanto o uso que o governo Inglez tem feito dessa preeminencia tenha excitado a opinião publica contra a diplomacia britannica, não é menos verdade que tem produzido males que embarçariao

para o futuro em grão deploravel a nossa politica na Hespanha; que tem aviltado a dignidade do throno e exposto D. Isabel II ás mais negras calumnias, e que tem inspirado o coração da joven rainha, accessivel a paixões violentas, com um odio profundo á França, á sua familia e á politica que dirigio o duplo consorcio. O Sr. Bulwer lembrou-se das palavras proferidas pelo Sr. Guizot no dia 5 de fevereiro contra a insensata politica que em questões internacionaes não faz caso das affeições pessoais, das tendencias naturaes e das disposições do coração, e aproveitou a vantagem que lhe dava a ausencia do Sr. Bresson para pôr em pratica essas grandes lições de alta politica, que o Sr. Guizot professa melhor que ninguém, mas que tão desazadamente põe em execução. O instinto, os sentimentos, as tendencias da rainha Isabel, foram voltados por elle e por seus amigos contra a França e contra o objecto moral dos casamentos hespanhóis; e, graças a esses esforços, a rainha Isabel não nos é hoje menos hostil do que foi Espartero em outro periodo sob a mesma influencia. É um mal duradouro, uma consequencia irreparavel talvez do inconcebível abandono de todos os nossos interesses em Madrid. E ainda isso não é tudo. A luta empenhada entre o rei e a rainha de Hespanha pôde ter as consequencias mais graves, ainda que reduzidas em apparencia a proporções domesticas. Cortes agentes da legação ingleza accusou el-rei de querer intervir no governo do paiz, e mentem; mais el-rei suscitou uma questão que dá grande cuidado aos amigos da embaixada ingleza, por quem está rodenda a rainha. Esclarecido pelos boatos que circularão em Madrid e pela demissão dos antigos funcionarios do palacio, quer muy legitimamente ser dono da sua casa, como é o ultimo subdito da corôa de Hespanha; não exige ter parte no governo do estado, mas deseja governar a sua casa. O Sr. Bulwer quer por rem que em palacio estejam só creaturas suas; e falla-se não só de uma separação que condemnaria a rainha de Hespanha a uma viuvez perpetua, senão também de um divorcio, ou pelo menos de uma dissolução do casamento que motivou toda esta questão.

Se, o papa, não accedendo aos desejos da Inglaterra, recusar dissolver o casamento da rainha Isabel, excitará a Inglaterra a rainha a divorciar-se a despeito do papa. Duplo proveito para a Inglaterra! Um divorcio! e com divorcio um schisma e o protestantismo na Hespanha! A propaganda religiosa dos sectarios anglicanos triumphando na Hespanha ao mesmo tempo que triumphava a propaganda politica e commercial da Inglaterra! Não é isto um sonho agradável? Arrojar a rainha Isabel nos excessos de que o reinado de Henrique VIII offerece o mais perfeito modelo—renovar entre a Santa Sé e o soberano de uma nação catholica a luta odiosa que fez triumphar o protestantismo em Inglaterra—completar pela segunda vez a separação de que deu o exemplo ao mundo—vingar-se da França e satisfazer ao mesmo tempo os seus interesses politicos e as suas paixões religiosas—não será isso um plano digno da diplomacia britannica? E tudo o que tem accorrido de ha seis mezes para cá não nos prepara para ver fazer-se essa tentativa? A Inglaterra deu um passo grande nesse sentido, mas dou-

em vão, porque, se tal plano conceber, ha de cahir em consequencia das profundas tendencias da nação hespanhola e da absoluta dedicação do seu povo pelas doutrinas catholicas. Deos louvado, é ainda mais difficil tornar a Hespanha protestante do que submettê-la á influencia ingleza; e a Inglaterra o deve reconhecer, a vista do pequeno resultado que tem obtido desse contrabando religioso de biblias protestantes que ha 16 annos procurz propagar na Hespanha. Mas ponha-se a Hespanha de sobre aviso! A tentativa, por vã que seja, não pôde fazer-se sem suscitar novas complicações. É um perigo que temos por dever assignalar.

Taes são as questões que ora se agitaõ em Hespanha! taes os resultados da preeminencia que exerce a diplomacia britannica ha tres mezes para vergonha do nosso governo e desgraça da Hespanha!

Limitamo-nos por hoje a citar o facto. Deos queira que os successos que se preparam, e que os jornaes officiaes do *Tor-reña-Office* nos annunciao já em tom sinistro, não se aggravem ainda mais! por quanto, se não é um grande mal que a responsabilidade toque entre nós a um ministério inconsequente, seria seguramente uma grande desgraça que suas temiveis consequencias recahissem sobre o nosso paiz.

(J. do Commercio.)

MARANHÃO.

BANCO PROVINCIAL.

RELATORIO da Direcção do Banco Commercial do Maranhão apresentado em 31 de Julho de 1847.

Senhores.—Pela primeira vez vos reunis em assembléa geral ordinaria, em virtude do art. 46 dos nossos estatutos, afim de exercer a importante jurisdicção que vos é propria, julgando a actual administração do Banco, e avaliando a vista do relatório da illustre commissão de exame, se aquelles a quem honrastes com vossa confiança, administráro bem ou mal vossos capitães, durante o primeiro periodo da existencia do Banco. Antes porém de julgardes, releva que a Direcção não só por uzo e costume nestes casos, como por ser a primeira que organisou e montou o estabelecimento, vos dê algumas informações mais precisas, e motive alguma de seus actos.

Pelo falecimento prematuro do director eleito, José Rodrigues Roxo, vio-se a direcção em seu começo na alternativa, ou de chamar o immediato em votos, ou de convocar assembléa para eleição de outro, por isso que desejava começar com seu n.º completo; a consideração porém, do que Roxo não chegou a ser accionista, e de que o estatuto autorizava chamar supplente, a levou a convidar o Sr. Henrique Season de quem recebeu mui valiosa cooperação.

O art. 1.º dos estatutos admittia accionistas para 2000 accções ou 400 contos de capital; porém na installação do Banco havia apenas accções escriptas e até 31 de Dezembro p. p. subirão a 1200 as accções vendidas, ou 240 contos de capital; foi então que a Direcção podendo avaliar melhor o movimento ou giro do capital necessario ao estabelecimento, em ordem a fazer algum uzo do credito do

Banco, reconheceu, que no estado decadente em que infelizmente se achava esta bella Provincia, as transacções não comportavam maior fundo do que o Banco já tinha, sem gravar inutilmente os interesses dos primeiros accionistas; em consequencia estabeleceu o premio de 5 por cento nas accções a vender, mais para facilitar a venda, do que para impedir que os novos accionistas ficassem em melhor condição que os primeiros. Mas apenas se completaram 250 contos do capital ou 1250 accções vendidas, a Direcção encerrou a venda de mais accções até a 1.ª reunião da assembleia. A vós, Senhores, cumpre agora decidir se deve ou não continuar a venda das accções, em vista destas considerações e do avultado saldo que em moeda efectiva, existe a mez em Caixa.

A direcção estabeleceu para os dos contos o juro de 10 por cento, o maximo que estabelecem os estatutos, não só porque principiava com pequeno capital as operações, tendo despesas extraordinarias a fazer, como porque esta taxa era muito menor do que a que exigiu todos os capitalistas desta Cidade, a qual nunca alterou. He porém opinião da direcção que se no futuro as transacções augmentarem ou o juro particular diminuir, deve a direcção que então a administrar baixar a taxa do Banco, embora fazendo mais largo uzo do credito do Banco.

Com a primeira entrada das 910 accções inscriptas rs. 45:500\$000, começou em 10 de Agosto de 1846 o Banco suas operações, e bem que pequena somma, com ella e com as que logo concorrerão a depozito, pela confiança que em geral foi prestada ao estabelecimento, se habilitou a Direcção a não precizar valer-se para augmentar as transacções, da emissão facultada pelos artigos 26 e 27 dos estatutos, rigorosamente fallando, porque não emittiu Vale ou Letra alguma com prazo certo. Adoptou, sim, dar cautellas e vales a pagar a vista ao portador, áquellas pessoas que lhos pedido por sommas que ficavam no cofre em deposito, as quaes fiéis e pontualmente tem sido entregues a quem as procura receber, bem que nesta medida procurasse sempre conciliar a facilidade que lhos dava o § 12 do art. 14 para os vales a prazo certo, com a prudencia escrupulosa para a necessaria pontualidade. Qual seja o credito que merecem estes titulos do Banco, vós sois testemunhas para bem avaliar.

Pelo Balanço que ora se vos apresenta, vereis Srs., que em 11 mezes incompletos d'operações, se descontarão Letras no valor de 582:633\$921, cujo desconto montou em 21:911\$703, a que se adiciona 269\$449 saldo da conta de juros, 105\$313 de comissões obtidas, 58459 lucro em moedas de prata, 25\$000 lucro em 5 accções negociadas, e 420\$000 de 42 accções vendidas com o premio de 5 por cento, fazendo tudo 22:736\$921 total dos lucros obtidos neste período. Vereis que desta quantia foi applicado para fundo de reserva Rs. 1:203\$523, para o 1.º dividendo 12:750\$000, para commissão da direcção 1:26\$846, para ordenallos 3:350\$, perda que houve em moedas de ouro 44\$500, para casa forte, aluguel e expediente 2:531\$718, e o saldo da receita 720\$167 que passa para os lucros do seguinte semestre. Vereis, enfim, que conta a cada accção o dividendo de 11\$000, ou 7½ por cento ao valor de 15\$000 de cada accção

no espaço medio de sete mezes incompletos, que mais vantajoso seria a não serem as despesas extraordinarias inherentes ao primeiro periodo de sua existencia.

O movimento da caixa foi de 848:059\$044 de entrada, inclusive 312:083\$620 de dinheiros, apresentando ella no acto do balanço o saldo de 431:080\$006 em moeda efectiva.

Tem a direcção o prazer de declarar, que teve a ventura de ser sempre saudada em seus actos, nenhuma deliberação foi tomada que não fosse a unanimidade de votos; assim como, que durante sua gerencia nenhuma Letra descontada pelo Banco foi protestada; em geral encontrão sempre muita pontualidade.

Desde Março deste anno que a direcção ficou privada de um de seus membros o Sr. Thomaz B. Gunston, a quem deveu até ali muita cooperação, por declarar ser-lhe impossivel continuar a funcionar como director, pelos muitos afazeres que o carregavam, e viagens que pretendia fazer. A direcção em vista da disposição determinativa do art. 61, agardou chamar substituto quando se desse a condição requerida pelo dito art. de não haver quatro votos conformes em suas deliberações caso que nunca se verificou.

Em outubro passado sollicitou a direcção, como lhe cumpria, do Governo Imperial, a confirmação dos Estatutos do Banco, sua petição foi muy bem informada pela Presidencia, e por aviso de seu correspondente na Corte, soube que haviam sido remettidos em consulta ao Conselho d'Estado, que as consultas subirão ao Governo, e que aguardavam a decisão Imperial. Este estado de incerteza não deixa de ser muy prejudicial, por isso que um ou outro artigo do estatuto que por ventura a experiencia tenha mostrado merecer modificação, não pôde sofrer a em quanto não houver a confirmação do Governo Imperial. Cabe porém, aqui mencionar que o Banco tem recebido toda o favor e protecção dos Governos da Provincia.

O art. 59 dos Estatutos parece incumbir a direcção a fectura de um regulamento interno, porém como a direcção organizou o estabelecimento desde o começo, desde logo no corpo de suas actas foi estatuinto quanto poderia caber o sobredito regulamento, e pela consideração alem de outras do que conservava, por assim dizer, o regulamento vivo e constante mais proficuo na pessoa dos directores do semam entendido ser-lhe desnecessario por ora tal regulamento.

A direcção não pode deixar de louvar muito a leal cooperação, actividade, e intelligencia dos 4 empregados do Banco, e espera vos dignes confirmar seus ordenados conforme a Tabella que ora se apresenta.

Senhores, a Direcção não desejando mais fatigar-vos, e confiando pouco em si, porque pode ter errado por nimio zelo, ou menos intelligencia, que não por má vontade espera e confia, que a vista do Balanço que está prezente, da leal e veridica informação que vos der a illustrada commissão sobre o estado prospero e lição de tão útil estabelecimento, pronuncieis vosso juro esclarecido.

Banco Commercial do Maranhão 30 de Junho de 1847.

João Gualberto da Costa, Presid.
Francisco Fructuoso Ferreira, S.

Antonio Francisco de Azeredo.
Bento Ribeiro da Cunha.
Henrique Season.
Joze Moreira da Silva.

RELATORIO—da Commissão de Exame do Banco Commercial do Maranhão.

Senhores Accionistas do Banco Commercial do Maranhão.—A Commissão de Exame, satisfazendo a obrigação imposta nos artigos n. 50 e 51 dos estatutos, procedeo ao exame da escripturação e dos mais objectos sobre que lhe cumpre informar, e vem offerecer-vos o seu relatório.

A escripturação d'este estabelecimento está feita com a exactidão, clareza e acção que se pôde desejar; e os saldos de todas as contas—livro mestre—fechados em 30 de Junho deste anno, conferem exactamente com o balanço da mesma data que vos está patente.

O serviço do Banco ha feito com quatro empregados, que merecem louvor pelo bom desempenho de suas obrigações, e com mais um escriptuario praticante que servio gratuitamente. Os ordenados arbitrados pela Direcção áquelles empregados são razoaveis e bem merecidos, e dignos por isso da vossa approvação.

A casa-forte, posto que pequena está construída com toda a segurança, e tanto ella como os cofres que ali se achão, offerecem um asylo seguro aos valores que lá se guardarem; e visto que se falla a respeito da segurança dos dinheiros do Banco, convem aqui declarar que o L.º Fiel, que actualmente serve de thesoureiro, presta a fiança que exige o art. 68 com a solemnidade e efficacia que se poderia pretender.

No emprego e distribuição dos fundos do Banco houve a necessaria prudencia e circunspecção; as despesas foram tão modicas, quanto o podiam ser; e os lucros que se repartem neste 1.º dividendo são tão vantajosos que excedem a todas as conjecturas.

Distribuirão-se somente 1250 accções, porque a Direcção vedou ultimamente a venda d'ellas, por não poder dar emprego a maior capital do que o que possui actualmente.

Não existe o regulamento interno de que falla o artigo 59, e a commissão entende que elle he por hora desnecessario n'um estabelecimento tão limitado.

A commissão finalisa o seu relatório, declarando-vos que a Direcção merece os vossos louvores pela economia que teve nas despesas, e pelo zelo e acerto com que administrou os fundos do Banco: oxalá que no futuro possam haver sempre resultados tão felizes. Maranhão 31 de Julho de 1847.—Miguel Pereira Guimarães.—Joze Antonio da Silva Guimarães.—Antonio Ferreira Ramos.

A REVISTA.

A liga maranhense.

—Applicar a politica ao progresso material e moral da provincia é o fim que se propoem a liga, ou partido conciliador maranhense. Este fim que em qualquer

outra parte seria útil, nobre e social, o é com muito mais razão em um paiz onde a natureza offerece á industria humana toda a especie de recursos, e onde tudo está, para assim dizer, ainda por fazer. A razão deste atraso não está só em nossa infancia, como nação, mas também, e sobretudo, na má direcção que se tem dado aos nossos partidos cujo unico objecto era até aqui conquistar, ou manter-se cada um no poder, só por amor ao poder, e sem prestarem a menor attenção nos melhoramentos que exigia delles o paiz, tantas vezes illudido em suas esperanças. Assim a politica que se tinha tornado exclusiva, mesquinha e pessoal, tomou entre nós as devidas proporções, e terá um fim consentaneo nos interesses da sociedade.

Todos os partidos promettem o mesmo, diz um dos órgãos do *exclusivismo*! Podemos responder-lhe, se assim o julgássemos conveniente, que é justamente porque esses partidos não tem cumprido suas promessas, que se desacreditaram, e estão sendo substituídos. Mas o que é certo é que nenhum dos partidos em que se dividia o imperio, concebia assim o seu programma. A politica, e a politica de *ligar os teus para por os meus*, era o que exclusivamente os occupava, ao passo que o engrandecimento do paiz era cousa sem significação alguma, ou quando muito uma promessa vaga que a nada obrigava. Não tínhamos um canal, uma ponte, uma estrada; a lavoura, o commercio, a industria definhavam; em quanto se disputava a todo o transe, e incessantemente sobre o predomínio. Não era possível que a sociedade brasileira pudesse comportar este estado de cousas violento, sem a menor utilidade, e em pura perda para ella. Desses mesmos excessos pois a que já era extranha e quasi indifferente a maior parte da nação, proveiu a necessidade de uma regeneração de partidos, e com ella o pensamento de applicar as forças sociais, até ahí distrahidas em luctas estereis, aos futuros melhoramentos do paiz que gemia sob o peso dos impostos, sem que se lhes abrissem as fontes da riqueza para poder pagal-os, dando-se o preciso desenvolvimento á sua industria.

O principio adoptado pelo governo e pela liga que o apoia, é comestinho nos paizes mais cultos da Europa e America, como Inglaterra, França e Estados-Unidos, onde a politica não é senão um meio de desenvolver e melhorar os recursos industriaes da sociedade. Mas não só entre os modernos, na mesma antiguidade tinha a politica identica applicação entre os phenícios e cartaginenses que erão os inglezes e americanos d'outro tempo. E de facto, si a politica não servisse para promover a publica felicidade que é o seu objecto, mas só para tecer baixas intrigas, como ainda observamos em algumas cortes da Europa, e para tramam a queda de Sanchão e a subida de Paulo, ou para fazer eleições, como observamos entre nós, certo que tal politica seria cousa bem prejudicial, senão bem desprecizavel.

Os homens do exclusivo não podendo negar a verdade e solidez do principio invocado, ora dizem que todos os partidos fazem as mesmas promessas, ora vingão-se em abocanhar a administração do Sr. Francisco de Sá, em tudo quanto ella emprehende a bem dos melhoramentos materiaes e desenvolvimento da industria da provincia, contestando a necessidade e diminuindo a

importancia de algumas obras começadas e por começar, e lançando o ridiculo sobre os bons desejos e vistas utilitarias do administrador a cerca de nossa tão dechada lavoura! A acreditar nos *scepticos* do Estandarte e do Observador, o que se faz e projecta fazer neste sentido, tudo é ouropel e palavreiro, embora a evidencia esteja demonstrando o contrario. Assim esses homens de idéas acanhadas e falsas, saturados de odio e cegos pela paixão, não só se mostram incapazes de produzir e comprehender o bem, mas até procurão, pelos meios que tem no seu alcance, embaraçar que os outros o fação!

Mas nada é para admirar em gente que resiste a evidencia dos factos, negando a pés juntos aquillo mesmo que ouve com os ouvidos, vê com os olhos e apalpa com as mãos.—A liga estende-se hoje por toda a provincia que a abraça com enthusiasmo, é um partido forte, poderoso, cheio de vida e actividade; mas o Observador que é daquelles que, ainda no fundo do poço, matao polho, nega a existencia da liga, isto ao mesmo tempo que lhe faz incarnizada opposição, e é uma das provas phisicas e palpaveis dessa existencia.—E' facto incontroverso e incontestavel que os partidos politicos tem passado por grandes modificações nesta provincia, tanto em sua organização como em suas idéas e principios; mas o Observador que se pode ser igualado em *imparidade* pelo proprio Sr. Candido Mendes, nega a existencia de tal facto, isto no passo que advoga a causa do *purismo* que se perde sem remedio, e é por tal motivo, e pela sua alliança offensiva e defensiva com o Estandarte, uma das provas mais concludentes dessa existencia. E a vista disto haverá ainda quem ouse contestar a veracidade das proposições emitidas pelo Estandarte e sustentadas pelo Observador, ou vice-versa!? Um defensor a *puridade bementi*, outro a *puridade cabana*, mas ambos estão de perfeita intelligencia e amizade, supposto pertença a crencas diametralmente oppostas; ambos combatem a liga que não existe, e ambos defendem principios que estão inconcussos, e não se achão, nem por sombras abalados &c. Os seus argumentos são tão irresistiveis como esse:—Na provincia, assim como no imperio, ha dois lados, ou dois partidos, o Observador e o Estandarte constituem um desses lados, o *purismo*; mas a qual dos dois lados pertence a liga que não é nem Observador, nem Estandarte, que se devidem taobem nos dois, apesar de unidos? A nenhum: ergo a liga não existe. Isto não tem contra: é o ultimo esforço ou puxo da *grande capacidade racional* que redige o Observador.

O que é porem singular é que a liga vai andando seu caminho com o fito em nossa regeneração industrial; que percorre a provincia em todos os sentidos com a frente erguida; que tem probabilidade de obter o mais completo triumpho nas eleições, e de ver-se dignamente representada, tanto na assembleia geral como na provincial. Mas ainda que assim aconteça impreterivelmente, o que valerá tudo isso á vista do testemunho *irrecusavel* do Observador do Sr. Candido Mendes que continuará a negar a sua existencia e as modificações dos partidos? Nada, absolutamente nada.

—Na correspondencia official do Srt. Emigdio estampada no Publicador Mara-

nhense, n. 543, se nota o termo—*safado*—, applicado ao motivo da inimizade que diz que o Sr. Lopes propala existir entre elle e o Sr. Tavares; termo que não deve ter cabimento em papeis publicos desta natureza, principalmente quando pode dar lugar a equívocos; e tanto mais censuravel é o seu emprego naquelle lugar, por isso que o Sr. Emigdio se arvora em censor do Sr. Lopes que elle afirma, sob sua palavra unicamente, ter cometido em iguaes correspondencias excessos sem duvida menores que o seu, si se attender que se trata de um official superior do exercito, muito mais conhecido na provincia que o Sr. Emigdio que só o é pelo emprego que exerce, e em um officio dirigido ao governo.

—ERRATA.—

—Por engano se poz no n. anterior—trimestre 30.º e 31.º da Revista—o trimestre que findou é o 31.º e o que principiou o 32.º

AVISOS.

ARMAZEM ROMANTICO.

—Acha-se publicando o muito interessante, e novo romance intitulado—*o consorte português*—; consta ser esta a primeira traducção Nacional. Recebe-se assignaturas até o fim do corrente a 640 mensaes, 4 Livretos que se pagarão com a saída do 1.º de cada mez; finda esta ducta custará cada vol. em folhetos 3000. Subscreve-se na Typ. da rua da Paz casa n.º 73—e nos lugares do costume.

¶ O Subdelegado da Freguezia da Conceição avisa que se acha no curral publico da camara municipal, hum boi, quem for o dono se apresente.

¶ Miguel Ignacio Gomes Coêlho faz sciente ao publico desta provincia, que no dia 15 do corrente, vindo do Calháo na canoa Jardineira de que é mestre, sofreo um grande temporal a huma hora e vinte minutos da noite, deffrente do farol de Itacolumin, e com a muita ventania e trovoadas, estando o barco quasi a socobrar, vio-se obrigado a lançar carga ao mar, para aliviar-se, e em satisfação aos donos das mesmas cargas faz esta exposição cuja veracidade pode ser confirmada pela tripulação e passageiros da referida canoa. Maranhão 18 de Agosto de 1847.

¶ Antonio Joaquim Gomes Braga, Director do Collegio de N. S. da Conceição estabelecido na rua da Palma n. 46 alem das aulas de ensino primario, e secundario, que se achão em exercicio, acaba de abrir as seguintes aulas no mesmo Collegio.—Aula de dança—dita de musica vocal—dita de piano—dita de flauta—dita de rabeça—dita de clarineta—dita de rabeção pequeno.

As pessoas que quizerem frequentar as referidas aulas, ddverão dirigir-se ao Director para tratarem de ajuste. Maranhão 8 de Agosto de 1847.

¶ Joaquim Marques Rodrigues, na qualidade de tutor dos orfãos, e tenedor do casal do fallado Dezenbargador Manoel da Costa Barradas, roga aos credores deste, que lhe apresentem suas contas, e documentos que as comprovão, até o fim do corrente mez, para poder-se combinar no melhor modo de seu pagamento. Maranhão 15 d'Agosto de 1847.